



Estudos de Psicologia

ISSN: 1413-294X

revpsi@cchla.ufrn.br

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Brasil

Silva Couto, Luis Flávio

Uma classificação dos sentidos do termo gozo em Freud

Estudos de Psicologia, vol. 11, núm. 2, maio-agosto, 2006, pp. 179-190

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Natal, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=26111207>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Uma classificação dos sentidos do termo *gozo* em Freud¹

Luis Flávio Silva Couto

Universidade Federal de Minas Gerais

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Unicentro Newton Paiva

Resumo

O objetivo deste artigo foi rastrear nas *Obras Psicológicas* de Freud os diversos momentos em que ele utiliza o termo *gozo* (*Genuß*) e o verbo *gozar* (*genießen*), para compreender-lhes os sentidos, a regularidade e/ou a diversidade de significações, e também, quem sabe, que ele sirva de subsídio para uma discussão e possível revisão dos termos assinalados na edição luso-brasileira. Nesse percurso, situaremos o gozar da civilização, dos privilégios e das boas coisas da vida, e da realização de desejo; o gozar das bênçãos da graça divina; o gozar do prazer humorístico, da diversidade dos acontecimentos mentais, e o gozo sexual.

Palavras-chave: psicanálise; freud; gozo; gozar

Abstract

A classification of the meanings of the term enjoyment in Freud's writings. The aim of this article is to investigate from Freud's *Psychological Writings*, several moments in which he employs the word *enjoyment* (*Genuss*) and the verb to enjoy (*genießen*), in order to understand their significations. In this trajectory, we will establish the enjoyment of civilization, privileges, good things of life and of desire accomplishment; the enjoyment of divine grace blessings, the enjoyment of humoristic pleasure, the diversity of mental occurrences, and sexual enjoyment.

Keywords: psychoanalysis; freud; enjoyment; to enjoy

Esta pesquisa surgiu da leitura de uma frase de Jacques Lacan do texto “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”. Ali, referindo-se ao homem dos ratos, Lacan diz que o rosto do paciente de Sigmund Freud refletia o horror de um *gozo* (*une jouissance*²) ignorado (Lacan, 1953/1966, p. 290). No texto de Lacan, a frase se encontra entre aspas, sugerindo uma tradução literal. No Apêndice apresentamos o sentido do dicionário e algumas considerações sobre a tradução brasileira.

No original alemão, na passagem em questão, não encontramos a palavra *gozo* (*Genuß*³), mas a palavra *prazer* (*Lust*). De fato, Freud diz que em todos os momentos importantes enquanto contava a sua história, a face de seu paciente assumia expressões estranhas e variadas que ele somente poderia compreender como provindas de um “horror ante o seu prazer [*Lust*] ignorado por si mesmo” (Freud, 1909/1977, p. 44). Acompanhando Luiz Hanns (1996, p. 494 e cf. Freud, 1911/2004, p. 65 e 72, n.10), traduzimos *Lust* por *prazer*. Entretanto, preferimos *gozo* para *Genuß*, em vez de *fruição*, tal como está na nova versão de Freud para o português (Freud, 1911/2004, p. 154). Isto porque, na categoria semântica que estamos propondo para uma ordenação do *Genuß* freudiano,

gozo é um termo muito utilizado nos textos psicanalíticos em português. Por exemplo, *gozo sexual*, *gozo da civilização*, etc.

Surgiu, assim, a questão: em que passagens Freud teria usado *Genuß* em sua obra? Pergunta difícil de responder a princípio, pois não há referência a esse termo no índice alemão dos conceitos analisados no *Vocabulário da Psicanálise*, de Laplanche e Pontalis (1979, p. 704). Elisabeth Roudinesco e Michel Plon (1998) dizem textualmente que “Freud utiliza o termo *gozo* uma única vez, em seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*” (p. 299). Entretanto, ainda no próprio texto “Homem dos ratos”, Freud diz que a punição do pai punha fim ao gozo sexual (*des sexuellen Genusses*) de seu paciente (Freud, 1909/1982, p. 71). Sendo assim, Freud utilizara essa palavra em outros textos além do indicado por Roudinesco e Plon. Com isso, a questão passou para a frequência da utilização desse termo bem como a identificação dos momentos em que é utilizado, além da verificação de seu sentido, se coloquial ou estabelecido como um conceito.

Neste trabalho, não se fez a retomada dos momentos de Freud ao que, hoje na clínica, se entende por *gozo* em termos lacanianos, no sentido de uma releitura de Freud. Para a psicanálise atual, o conceito de *gozo* é eminentemente lacaniano

(Braunstein, 1992). Não foi essa a opção feita neste trabalho, mas a intenção, neste momento, foi a de fazer, exatamente, o inventário dos usos do substantivo *Genuß* e do verbo correspondente, para um mapeamento e uma classificação dos diversos sentidos do termo, segundo a concepção de Freud na ocasião, e não o *gozo* como um conceito lacaniano do retorno a Freud.

Para ordenar o vasto material encontrado, utilizamos o método de categorização da análise de conteúdo, como descreveu Laurence Bardin (1976), que permitiu uma visão geral das categorias sob as quais foram organizados os diversos usos do termo *gozo*. Neste artigo se demonstra não apenas que Freud utilizou o termo inúmeras vezes, ao contrário do que usualmente se pressupõe, mas também se cuida de localizá-lo nas categorias que organizam as diversas passagens de seu uso, como num verbete de dicionário.

As categorias

Como a maioria dos procedimentos de análise qualitativa, este trabalho foi organizado em torno de categorias. São elas rubricas ou classes que reúnem um grupo de elementos (unidades de registro) em razão de características comuns. O critério escolhido foi o semântico, a análise dos vários significados de *gozo* em Freud.

O que se pretende com isto é “fornecer, por condensação, uma representação significativa dos dados brutos”, como afirma Bardin (1976, p. 119), pois a categorização representa a passagem dos dados brutos a dados organizados. A atividade de agrupar os elementos comuns, estabelecendo categorias, processou-se em duas etapas: o inventário, isolando os elementos comuns, e a classificação, repartindo esses elementos de acordo com os sentidos que Freud atribuiu tanto ao verbo *gozar* quanto ao substantivo *gozo*.

São elas:

1. Verbo *gozar*:

1.1. *Gozar* da civilização, dos privilégios e das boas coisas da vida;

1.2. *Gozar* da realização de desejo;

1.3. *Gozar* de uma obra de arte;

1.4. *Gozar* do “ganho secundário” de uma doença;

1.5. *Gozar* do prazer humorístico e

1.6. *Gozar* da diversidade dos acontecimentos mentais.

2. Substantivo *gozo*:

2.1. *Gozo* sexual;

2.1.1. *Gozo* sexual enquanto usufruto de um prazer de natureza sexual;

2.1.2. *Gozo* sexual pervertido;

2.1.3. *Gozo* sexual enquanto impossibilidade ou ambivalência;

2.1.4. *Gozo* narcisista;

2.1.5. *Gozo* sexual acompanhado de dor, de sofrimento;

2.1.6. *Gozo* sexual vivenciado juntamente com o tema da morte e

2.1.7. *Gozo* sexual vivenciado juntamente com o sofrimento.

2.2. *Gozo* psicótico e

2.3. *Gozo* das bênçãos e da graça divina e *gozo* místico.

1. Verbo *gozar*

1.1. *Gozar* da civilização, dos privilégios e das boas coisas da vida

O *gozo* nesse sentido encontra-se ao longo de toda a obra de Freud, da carta a Fliess de 8 de fevereiro de 1893 (Freud 1893/1977, p. 254)⁴ (*Lebensgenuss*: 81), até à carta a Fuchs de 1931 (Freud, 1931/1977, p. 308).

Freud (1901/1977) diz numa mesa de restaurante: “Às vezes eu gostaria de conseguir alguma coisa sem pagar”. Reformula a seguir, para se fazer mais claro: “Eu gostaria de *gozar* (*genießen*: 664) de alguma coisa (sem despesas)” (p. 689).

Sobre a meta do tratamento psicanalítico, Freud (1904/1977) afirma que ela é “o restabelecimento prático do enfermo e a restauração de sua capacidade de rendimento e de *gozo*” (*Genussfähigkeit*: 105) (p. 261).

Define *saúde* (*Genussfähigkeit*: 223) como a capacidade de rendimento e de *gozo* não restringidos por inibições no desenvolvimento em direção às exigências do real (*Realforderung*). Entre tais capacidades encontra-se a do *gozo* dos prazeres do humor (*Genuß der humoristischen Lust*: 213), o qual pode ser compartilhado com outras pessoas, ou usufruído sozinho (p. 257).

Escrive que os filósofos chegam a apontar a existência da proximidade entre o chiste e o cômico, incluindo-os no capítulo da estética. Nesse sentido, o humor não tem serventia em termos utilitários, pois não satisfaz quaisquer necessidades vitais, e nós nos contentamos com sua contemplação e o seu *gozo* (*Genuß*: 91) (Freud, 1905b/1977, p. 115).

Além dos prazeres do humor, as moções pulsionais também poderiam nos conduzir ao *gozo* das boas coisas da vida. Mas, se essas são inconscientes, não é isso o que acontece. Freud (1915/1977) as compara a “indivíduos de raça mestiça que se assemelham a brancos mas traem a sua ascendência de cor por uma ou por outra característica marcante, sendo, por causa disso, excluídos daquela sociedade, deixando de *gozar* do privilégio dos brancos” (Freud, 1915/1977, p. 219) (*weissen genießen*: 150). Note-se que, para Freud, a capacidade de *gozo* (*Genussfähigkeit*: 105) na sociedade civilizada é privilégio apenas de pessoas brancas.

Os imigrantes, quando chegam a uma nova pátria, encontram um patrimônio que deve ser considerado como um bem comum, regulado por um “sentimento de ordem e de lei, e também de outras qualidades que fizeram da humanidade os senhores da Terra” (p. 313). Todo esse *gozo* da civilização (*Genuß der Kulturgemeinschaft*: 38), entretanto, pode ser perturbado. Vozes de advertência apontam a existência de antigas divergências que poderiam conduzir à guerra e à consequente destruição desse patrimônio, dando aos cidadãos a sensação de desorientação e de perplexidade. A desilusão dessa desintegração, rigorosamente falando, não se justifica, pois consiste na destruição de uma ilusão. Mas são essas ilusões que nos possibilitam *gozar* das satisfações (*Befriedigungen genießen lassen*: 40) (Freud, 1915a, p. 317), poupano-nos de sentimentos desagradáveis. Devemos acei-

tar que elas possam entrar em choque com alguma parcela da realidade efetiva⁵ (*Wirklichkeit*) e se despedaçarem.

Para Freud, tudo o que é belo ou que poderia ser usufruído pela civilização está fadado, um dia, à decadência. Essa transitoriedade das coisas (Freud, 1916a/1977), entretanto, não deve nos levar a despojar o mundo de nossas sensações (*Empfindungswelt*: 225) e tirar da natureza o seu valor. Pelo contrário, a importância da transitoriedade é o valor da escassez no tempo e a restrição à possibilidade de **gozo** (*Genuß*: 225). O que pode interferir na experiência de **gozo** do belo (*Genuß des Schönen*: 226) pode ser um sentimento de revolta contra o luto vinculado à compreensão da transitoriedade de todas as coisas. Tal sentido pode levar à antecipação do luto, introduzindo, na experiência, algo que a desvaloriza. Contra esse sentimento, usamos a fantasia como algo não-real, que permite ao homem continuar a **gozar** (*genießt*: 363) da sensação de ser livre das exigências dessa realidade efetiva (*Wirklichkeit*: 363) (Freud, 1916/1977, p. 434). Os devaneios podem ser trabalhados em análise, para possibilitar o surgimento do desejo.

Em 1923, Freud (1923/1977) afirma que o objetivo do tratamento é produzir, pelo

cancelamento das resistências e a pesquisa dos recalques, o fortalecimento de mais longo alcance do ego. Com isso, capacita o paciente a poupar a energia mental que está dispendendo em conflitos internos, podendo dele obter o melhor que suas capacidades herdadas lhe permitam, tornando-o assim tão eficiente e capaz de gozo quanto é possível. (p. 304)

Essa capacidade encontra-se ausente na melancolia. Comentando o caso do pintor Haizmann, Freud (1923a/1977, p. 130) diz que, enquanto estivera em melancolia, Haizmann era incapaz de **gozar** de qualquer coisa (*Genußunfähigkeit*: 317), rejeitando ofertas bastante atraentes.

Em “O futuro de uma ilusão” (Freud, 1927/1977), é apresentada a idéia de que a renúncia à coerção e ao recalque das pulsões permitiria ao homem dedicar-se à aquisição e ao **gozo** (*Genuß*: 141) das riquezas (p. 17). Tal concepção torna-se a base de sua crítica aos comunistas. Para eles, diz Freud em “O mal-estar na civilização” (1930/1977), se a propriedade privada fosse abolida, não mais haveria a hostilidade entre os seres humanos, desaparecendo, também, a idéia do outro como inimigo, pois, na medida em que toda a riqueza dos bens privados e dos privilégios se tornasse coletiva, todos poderiam compartilhar de seu **gozo** (*Genuß*: 241), dividindo, de bom grado, o trabalho coletivo necessário (p. 135). Realista, Freud percebe a ilusão dessa idéia. Para ele, a agressividade não é uma consequência da propriedade privada. Ela se encontra na base de todos os vínculos carinhosos e amorosos entre os homens (talvez, com exceção das relações entre a mãe e seu filho varão).

1.2. Gozar da realização de desejo

Também um estado de melancolia que se segue a uma realização de desejo (*Wunscherfüllung*: 237) pode impedir o **gozo** dos ganhos da civilização. Em “Os Arruinados pelo êxi-

to”, Freud (1916b/1977) relata o caso de um respeitável professor universitário que desejara durante muitos anos ser o sucessor do mestre que o iniciara nos estudos. Quando isso aconteceu, ao invés de ficar satisfeito, declarou-se indigno do posto e caiu numa melancolia que o incapacitou para qualquer atividade durante vários anos, inclusive para o **gozo** (*Genuß*: 237) da realização do seu desejo (p. 358).

1.3. Gozar de uma obra de arte

Na quinta de suas lições sobre a psicanálise, Freud (1910a/1977) se refere à fantasia. Diz ele que os homens, pressionados pelas exigências culturais e pelos recalques, constroem uma vida de fantasias na qual são capazes de encontrar as satisfações que lhes são negadas na realidade efetiva (*Wirklichkeit*: 53). Os que “vencem na vida” são aqueles que conseguem por seu próprio esforço transpor, mediante o trabalho, suas fantasias de desejo (*Wunschphantasien*: 53) para a realidade (*Realität*: 53). Alguns outros sucumbem à neurose e, desprendendo-se da realidade (*Realität*: 53), encontram satisfação num mundo de fantasia (*Phantasiewelt*: 53) (p. 47). Também em “Um estudo autobiográfico”, Freud (1925/1977) afirma que o artista, da mesma forma que o neurótico, se afasta de uma realidade efetiva (*Wirklichkeit*: 90) pouco satisfatória (p. 81), mas sabe trilhar o caminho de volta, retornando desse mundo da fantasia (*Phantasiewelt*: 90) para a realidade efetiva (*Wirklichkeit*: 90). As suas criações artísticas podem ser consideradas como satisfações fantasmáticas de desejos inconscientes. Tais como os sonhos, elas possuem também um caráter de compromisso, pois, em ambas, os conflitos com o poder do recalque podem ser evitados. As grandes criações artísticas são, portanto, capazes de produzir em nós o prazer da percepção e da beleza formal dos quais extraímos **gozo**. O **gozo** (p. 81) (*Genuß*: 91) que provém desse prazer estético não parece diminuído pelas análises psicanalíticas que podem ser feitas a partir de obras tais como a *Gradiva*, de Jensen (Freud, 1906/1977, p. 81), a *Sant’Ana com a Madona e o Menino*, de Leonardo da Vinci (Freud, 1910/1977), ou o *Moisés*, de Michelangelo (Freud, 1914/1977).

1.4. Gozar do “ganho secundário” de uma doença

Em relação aos sintomas, em “Inibições, sintomas e ansiedade”, Freud (1926/1977) diz que o eu utiliza todos os meios possíveis para agregá-los a si, incorporando-os por meio de diversos vínculos e comportando como se reconhecesse que o sintoma é algo mais ou menos permanente. A única coisa a fazer seria, então, aceitar essa nova situação, procurando tirar dela o máximo possível (p. 120). Assim, o eu se adapta ao sintoma (considerado por Freud como uma peça do mundo interno (*Innenwelt*: 243) estranha a ele) da mesma maneira que se adapta e se comporta em relação ao mundo externo (*Außenwelt*). Ele adverte que não se deve exagerar a importância desse “ganho secundário” proveniente da doença, dessa adaptação ao sintoma, porque o eu criou o sintoma exatamente para tirar vantagem desse **gozar** (*Vorteil zu genießen*: 244).

1.5. Gozar do prazer humorístico

Em “O Humor”, Freud (1927a/1977) afirma que existem duas maneiras por meio das quais o processo humorístico pode realizar-se: a adoção de uma atitude humorística, na qual o expectador é que usufrui a cena, ou pode efetuar-se entre duas pessoas, uma das quais não toma parte alguma no processo humorístico, mas é tornada objeto de contemplação humorística pela outra (p. 189). Exemplifica o primeiro caso com um condenado à morte que, conduzido ao cadafalso numa segunda-feira, exclama: “ora! Como começa bem a semana!”. O segundo, com o comportamento de pessoas reais ou fictícias narrado por um escritor de modo engraçado. Os personagens envolvidos neste exemplo não precisam demonstrar qualquer tipo de humor. Apenas quem os está tomando como seu objeto achará graça. Com isso, o leitor ou o ouvinte compartilha do **gozo** do humor (*Genuß am Humor*: 277). Em ambas as situações há um ganho de prazer.

De modo surpreendente, Freud (1927a/1977) toma o humor pelo viés da severa instância psíquica do supereu, que torna o eu capaz de obter um pequeno ganho de prazer (*Lustgewinn*: 281), “o humor seria a contribuição feita ao cômico pela intervenção do supereu” (p. 194). Entretanto, o prazer humorístico jamais alcança a intensidade do prazer do cômico (*humoristische Lust*) ou dos chistes, que não se alivia com o riso franco. Quando possibilita essa atitude humorística, o supereu está repudiando a realidade (*Realität*) e servindo a uma ilusão. A intenção do humor nesse caso seria: “Olhem! Aqui está o mundo, que parece tão perigoso! Não passa de um jogo de crianças, digno apenas de que sobre ele se faça uma pilhória!” (p. 194). Freud (1927a/1977) afirma que nem todos são capazes de adotar essa atitude humorística diante das adversidades da vida. Trata-se de um dom raro e precioso, como também são raras as pessoas capazes de **gozar** do prazer humorístico (*Lust zu genießen*: 282) que lhes é apresentado.

1.6. Gozar da diversidade dos acontecimentos mentais

No prefácio da “Teoria geral das neuroses de Núremberg”, Freud (1932/1977) diz que aqueles que esperam uma simplificação dos problemas inerentes às neuroses dificilmente ficarão satisfeitos com essa obra. Porém, valorizarão a obra e a estudarão assiduamente os que preferem o pensamento científico e consideram válida a idéia de que a especulação não deve ser posta de lado quando se segue a linha diretriz da experiência, bem como todos aqueles que se permitem “**gozar** (*genießen*: 273) da bela diversidade dos acontecimentos mentais” (p. 294).

2. Substantivo Gozo

2.1. Gozo sexual

O sentido dado por Freud ao **gozo** enquanto o usufruto de um prazer de natureza sexual é muito curioso. De um lado, Freud sustenta esse sentido tradicional, embora o inove ao

afirmar que há **gozo** sexual na infância; de outro, tenta encontrar conexões entre o sexual e a morte, e isso desde o início de sua obra.

2.1.1. Gozo sexual enquanto usufruto de um prazer de natureza sexual. Freud revoluciona a compreensão da etiologia das neuroses propondo a existência da sexualidade infantil. Em “Hereditariedade e a etiologia das neuroses” (1896/1977), aponta a diferença entre a histeria e a neurose obsessiva. Na base da histeria pode ser encontrado um evento de sexualidade passiva, vivenciada com indiferença ou com um pequeno grau de aborrecimento ou medo. Já no caso da neurose obsessiva, a experiência provocou prazer. No menino, esse prazer deve ter sido acompanhado de um ato de agressão de natureza sexual inspirado no desejo, certamente posterior a uma cena de sedução. Na menina, o prazer se encontrava ligado a um ato de participação nas relações sexuais acompanhadas de **gozo** (p. 178) (*jouissance*: 420). Para Freud, as representações obsessivas nada mais são do que recriminações dirigidas pelo sujeito a si mesmo por causa desse **gozo** (*jouissance*: 421) sexual antecipado (p. 178). Note-se que ele, nessa descrição da base da histeria, não menciona a vivência de um **gozo** sexual. Entretanto, no caso de Dora (1905/1977), ele parece retificar essa posição afirmando que se Dora se sente incapaz de amar o Sr. K., *reprimido esse desejo*, isso se deve a um fator crucial: o **gozo** sexual (*Sexualgenusse*: 156) prematuro que sentiu. Tal gozo acompanhou o beijo que ela recebeu do Sr. K., e que vivenciara como um trauma (p. 26).

Encontramos também **gozo** em sentido sexual no caso do “Homem dos Ratos”, de 1909, quando Freud aponta que “o rancor inextinguível que sentira pelo pai, fixara-o para sempre em seu papel de perturbador do **gozo** sexual (*des sexuellen Genusses*: 71) do paciente” (p. 207). Nesse caso, é o pai que exerce tal papel. Freud, porém, no “Caso de paranoíia que contraria a teoria psicanalítica da doença” (Freud, 1915d/1977), afirma que também uma mãe pode obstar e deter a atividade sexual de uma filha, que terá de “emancipar-se dessa influência e resolver por si mesma o grau de permissão ou de negação (*Versagung* – frustração) de seu **gozo** sexual (*Sexualgenusse*: 211) (p. 302)”.

A importância do **gozo** do amor sexual é também apontada por Freud (1915c/1977) nas “Observações sobre o amor transferencial”: “o amor sexual é indubitavelmente uma das principais coisas da vida, e a união da satisfação mental e física no **gozo** do amor (*Liebesgenusse*: 229) constitui um de seus pontos culminantes” (p. 219).

Embora não apontada como fator determinante de uma paranoíia persecutória, a abstinência de tal **gozo** contribui na gênese do caso de um jovem paciente (Freud, 1922/1977, p. 276). Com relação a seu pai, esse paciente apresentava uma ambivalência extraordinária. Opunha-se a ele com a mais extrema rebeldia e era também o mais submisso dos filhos. Após a sua morte, negou a si mesmo todo o **gozo** das mulheres (*Genuß des Weibes*: 224) devido a um terno sentimento de culpa (p. 276).

Em “Uma neurose demoníaca do século XVII”, Freud (1923a/1977), comentando sobre o *Fausto*, de Goethe, faz outra referência ao **gozo** sexual. Diz que não se deve desdenhar o Demônio, pois ele pode oferecer a riqueza, a segurança, o poder e, acima de tudo, “o **gozo** – o **gozo** das belas mulheres” (*Genuß, Genuß bei schönen Frauen*: 294) (p. 101). Entretanto, no caso de uma neurose demoníaca acometida a um pintor do século XVII, ele diz que, curiosamente, não foi o poder, o dinheiro ou o **gozo** (*Geld und Genuß*: 295) que o motivou a assinar o pacto com o Demônio, mas a sua ânsia de se ver libertado de um estado de depressão (p. 103).

Embora este seja um exemplo interessante relacionado ao afastamento do **gozo** sexual, Freud também apresenta outros. As crianças recalcam os seus desejos, tornando inatingíveis os objetivos sexuais imediatos. Em “Psicologia de grupo e a análise do ego”, ele (1921/1977) considera que a inibição dos impulsos sexuais resultante do recalque reescreve, no início do período de latência, as vivências com a intolerância do pai primevo que compeliu todos os filhos à abstinência, reservando para si a liberdade do **gozo** sexual (*Sexualgenuß*: 130) (p. 175). No caso dos invertidos sexuais absolutos, a situação é diferente. Se o objeto sexual só pode ser uma pessoa de mesmo sexo, a frieza ou mesmo a aversão que demonstram para a possibilidade de relações heterossexuais não indicam a impossibilidade ou incapacidade de prazer sexual. Apenas, diz Freud nos “Três ensaios” (Freud, 1905a/1977), não extraem **gozo** (*Genuß*: 48) do ato sexual normal (*normalen Geschlechtsakt*: 48) (p. 136).

As frustrações iniciais do prazer sexual dificultam uma satisfação completa na situação permitida do casamento. Entretanto, a permissividade não conduz, necessariamente, à satisfação. Quando a possibilidade de realização sexual se torna por demais fácil, pode-se deparar com uma falta de interesse erótico. A primeira e certamente a mais importante restrição da vida sexual, ocorrida tanto no início da humanidade como em cada criança pequena, foi a proibição da escolha incestuosa de objeto. As restrições podem ser compreendidas como modos de defesa contra a emergência de uma sexualidade por assim dizer em “estado bruto”. Assim, a forma de a cultura lidar com a sexualidade baseia-se na restrição, podendo chegar até à proscrição. A heterossexualidade na nossa sociedade é o único tipo admitido de comportamento sexual, o que traz restrições injustificáveis ao **gozo** sexual (*Sexualgenuß*: 234) dos adultos. Mesmo o próprio amor heterossexual, sancionado pela cultura, sofre restrições pela exigência da monogamia. Freud chega a afirmar que a civilização atual somente tolera o usufruto do **gozo** sexual via um vínculo único e indissolúvel entre um só homem e uma só mulher.

O amor sexual é uma das principais coisas da vida, e a união da satisfação mental e física no **gozo** do amor (*Liebesgenusse*, Freud, 1915a/1977, p. 229) constitui um de seus pontos culminantes. Isso significa que ele deve ser usufruído em todas as circunstâncias e pode se apresentar como uma imagem onírica, como no caso do **gozo** (*Genuss*: 93) de um objeto sexual proibido (Freud, 1940/1977, p. 197).

2.1.2. Gozo sexual pervertido. Na Conferência “A vida sexual do seres humanos”, Freud (1917a/1977) diz que não é fácil delimitar o que é abrangido pelo termo *sexual*. Talvez a única definição acertada seria “tudo o que se relaciona com os dois sexos” (p. 355), por demais neutra e excessivamente imprecisa. Entretanto, além do que se relaciona aos dois sexos e é considerado normal, a vida sexual dos seres humanos também abrange uma série de outros comportamentos, considerados “pervertidos” (*Perversen*: 301), entre os quais encontramos os dos necrófilos, que não conseguem **gozar** (*genießen*: 302) senão sobre um cadáver indefeso, podendo chegar inclusive ao assassinato na busca de seus fins. Assim, este **gozo** vai além do simples prazer, e envolve algo da ordem do mortífero.

2.1.3. Gozo sexual enquanto impossibilidade ou ambivalência. O objeto sexual obsceno ou proibido pode produzir em nós uma atitude ambivalente, ou mesmo uma impossibilidade de seu **gozo**. Muitas vezes desejamos realizar um determinado ato, mas não podemos fazê-lo. Nos “Chistes e sua relação com o inconsciente”, Freud (1905b/1977) define o recalque (*Verdrängung*: 96) como o poder que dificulta tanto à mulher quanto ao homem o **gozo** (*Genuß*: 96) da obscenidade não encoberta (p. 121). A cultura faz com que sensações que poderiam ser percebidas como agradáveis, como o texto de uma anedota grosseira, sejam repelidas de forma bastante firme pelo nosso psiquismo. Pelo trabalho repressivo da civilização, perdemos as possibilidades primárias de **gozo** (*Genußmöglichkeiten*: 96), mas o psiquismo procura contornar essa dificuldade através, entre outras possibilidades, do chiste tendencioso (p. 121), o qual nos permite rir da mesma anedota, desde que seja apresentada por meio de um texto refinado.

Em relação à ambivalência, Freud em “Totem e tabu” (1913/1977) cita, a título de exemplo, um caso de *fobia de contato* (p. 49). Ele diz que seu paciente deseja constantemente realizar o ato de tocar os próprios genitais, considerado como o seu **gozo** supremo (*höchsten Genuss*: 321), mas não deve realizá-lo, pois o considera abominável (*verabscheut*: 321).

Num outro exemplo apresentado em “A questão da análise leiga”, Freud (1926a/1977) nos diz que há certos pacientes que sofrem de perturbações num campo específico em que a vida emocional converge para exigências de natureza corpórea. Quando conseguem superar alguns desses entraves e se permitem o encontro sexual, freqüentemente constatam que são incapazes do **gozo** (*Genuß*: 278) proporcionado pela exigência superada (p. 213).

2.1.4. Gozo narcisista. No “Mal-estar na civilização”, em suas discussões sobre Eros e pulsão de morte, Freud (1930/1977) esclarece que no sadismo a energia da pulsão de morte desvia a seu jeito a finalidade erótica, sem deixar de satisfazer o impulso sexual. Note-se que a satisfação sádica pode vir acompanhada de um extraordinário **gozo** narcisista (*narcisißtischen Genuß*: 249), pois oferece ao eu “a realiza-

ção de seus mais arcaicos desejos de onipotência” (p. 144), mesmo quando surge sem propósitos sexuais, ou na mais cega fúria destrutiva.

2.1.5. Gozo sexual acompanhado de dor, de sofrimento. Freud (1905a/1977) também une dor e sofrimento mostrando que o **gozo** sexual – enquanto prazer – pode vir acompanhado de dor. Nos “Três ensaios”, no capítulo sobre as “Aberrações sexuais”, ele aponta que a particularidade mais notável do sadomasoquismo reside no fato de que suas formas ativa e passiva podem encontrar-se juntas na mesma pessoa. “Quem sente prazer em provocar dor no outro na relação sexual é também capaz de **gozar**, como prazer (*Lust zu genießen*: 69), de qualquer dor que possa extrair das relações sexuais” (p. 161). Nos “Instintos e suas vicissitudes” (1915b/1977, p. 149), o sadismo parece se esforçar no sentido de levar o sujeito não só a humilhar e dominar o outro, como também a lhe infligir dor. Esta ação não se encontra entre as intenções originais do sujeito. Mas nos casos em que esse sadismo original se transforma em masoquismo, a dor pode proporcionar uma meta masoquista passiva, pois as sensações de dor, como outras sensações desagradáveis, avançam sobre a excitação sexual, produzindo um estado prazeroso. A partir do momento em que sentir dor se transforma numa meta masoquista (*ein masochistisches Ziel*), pode surgir a meta sádica (*das sadistische Ziel*) de causar a dor. Nesse caso, quando a dor está sendo provocada no outro, há ao mesmo tempo o surgimento no sujeito de um **gozar** (*genießt*: 92) masoquista proveniente da identificação desse sujeito com o outro que sofre. A partir daí, em ambos os casos, o **gozo** não provém da própria dor, mas da excitação sexual que a acompanha. **Gozar** da dor (*Schmerzgenießen*: 92) provém de uma meta originalmente masoquista, mas que se torna meta pulsional apenas para aqueles que são originalmente sádicos.

2.1.6. Gozo sexual vivenciado juntamente com o tema da morte. Em “O mecanismo psíquico do esquecimento”, Freud (1898/1977) afirma que o que torna o nome *Signorelli* inacessível à memória é o valor que os turcos atribuem à morte e ao gozo sexual (*Sexualgenuss*: 522). Assim, deveria ser possível encontrar as idéias intermediárias que teriam ligado os dois temas (pp. 320-321). Podemos notar nesse texto a junção que ele vai fazer entre a morte e o **gozo** sexual. Mesmo que sejam dois temas distintos, não se pode deixar de notar que há idéias que os ligam. Quando se investigam os pensamentos recalados relativos a tais assuntos, pode-se esbarrar na junção de morte com sexualidade próximas do tema do **gozo**.

2.1.7. Gozo sexual vivenciado juntamente com o sofrimento. Sobre o tema da purificação ou purgação dos afetos, Freud, nos “Tipos psicopáticos no palco” (1905-6/1977), diz que a finalidade do drama consiste em despertar temor e compaixão (*Furcht und Mitleid*: 163), produzindo a purificação (*Reinigung*: 163) dos afetos, a qual abre, para a nossa vida afetiva, as fontes de prazer (*Eröffnung der Lust*: 163) *ou de gozo* (*Genussquellen*: 163). Assim, a peça de teatro pode auxi-

liar o expectador a desabafar os seus afetos. O **gozo** que daí resulta corresponde a duas sensações antagônicas: alívio e excitação. Alívio proporcionado pela ampla descarga e excitação sexual que sempre aparece, mesmo como subproduto, todas as vezes que um afeto é despertado. Temos aqui uma situação aparentemente paradoxal: o prazer (alívio) de estar assistindo a um drama vem *pari passu* com uma tensão crescente do nível psíquico. Há dois sentimentos contrários, antagônicos em termos econômicos, acontecendo ao mesmo tempo: descarga (alívio ou prazer) e tensão (elevação do desprazer).

Todos esses pré-requisitos do **gozo** (*Genußbedingungen*: 164) (Freud, 1905-6/1977, p. 322) estão presentes não apenas no drama, mas numa imensa variedade de outras formas artísticas como a poesia épica e até mesmo a dança. O drama é capaz de explorar a fundo as possibilidades afetivas, dando uma forma de **gozo** (*Genuß gestalten*: 164) até aos próprios presságios de infortúnio. O herói derrotado é retratado em sua luta com uma satisfação quase masoquista. Isso pode “gerar prazer, tanto pela satisfação masoquista quanto pelo **gozo** (*Genuß*: 164) direto de um personagem cuja grandeza, apesar de tudo, é destacada” (p. 322). Assim, Freud está como que definindo o que possa ser o **gozo**: um sofrimento que proporciona prazer. “Todos os tipos de sofrimento servem como tema ao drama e deles o espectador tem que extrair algum prazer” (*Lust*: 164) (p. 323). E aqui Freud não está falando de sofrimento físico infligido a alguém na esfera sadomasoquista, pois o sofrimento *físico* faz cessar todo o **gozo** da alma (*seelischen Genuß*: 163). Trata-se, pelo contrário, “do jogo da fantasia, que nos faz extrair **gozo** (*Genuß*: 164) até de nosso próprio sofrimento” (p. 323).

No neurótico persiste uma luta como a do drama psicopatológico. Nele, porém, o dramaturgo provocará não apenas uma liberação pelo **gozo** (*Befreiungsgenuss*: 166), mas despertará uma *resistência* à tomada de consciência dação inconsciente. Com isso, Freud retifica a sua teoria energética na qual o desprazer estaria ligado a um aumento das quantidades de excitação e o prazer à sua redução (cf. Freud, 1900-1/1977, p. 636). Há, portanto, tensões (desprazer) agradáveis (prazer).

Na questão da dualidade pulsional, Freud não é capaz de concordar com Jung em relação à existência de apenas uma pulsão, de caráter bastante genérico, que minimizaria a questão dos aspectos sexuais. Ele ainda não está pronto para aceitar que a autoconservação e a sexualidade seriam, no fundo, apenas aspectos de uma única pulsão mais geral. A questão ficará em suspenso por uns oito anos, até que, em 1920, ele publica “Além do princípio de prazer” (Freud, 1920/1977). Esta obra se inicia com a retomada da dualidade da série prazer-desprazer, ainda no sentido tradicional no qual a dualidade pulsional será reafirmada através da nova classificação: pulsão de vida e pulsão de morte.

No capítulo três, Freud (1920/1977) lança a hipótese da existência de dois aspectos divergentes da compulsão à repetição, a qual, além de estar vinculada ao princípio de prazer, “também rememora do passado experiências que não incluem possibilidade alguma de prazer e que nunca, mesmo há longo tempo, trouxeram satisfação, mesmo para moções pulsionais

[*verdrängten Triebregungen*] que desde então foram recalcadas” (p. 34). Diz ainda que “se levarmos em consideração [alguns elementos], encontraremos coragem para supor que existe realmente na mente uma compulsão à repetição que sobrepuja o princípio de prazer” (p. 36).

Ora, de um lado temos uma repetição através da qual uma moção pulsional tenta fazer o seu aparecimento causando prazer e desprazer simultaneamente; de outro, uma outra espécie de repetição que se encontra no mais além, *no outro lado (jenseits)*, sobrepujando o princípio de prazer, e que não inclui qualquer possibilidade de prazer ou de satisfação. Freud (1920/1977) permanece dualista, mas percebe a dificuldade de se lidar com essa série, apontando que o significado dos sentimentos de prazer e de desprazer que atuam tão imperativamente sobre nós provém “da região mais obscura e inacessível da mente”. Ele parece optar pela solução mais simples: “Decidimos relacionar o prazer e o desprazer à quantidade de excitação, presente na mente (...) de tal modo que o desprazer corresponda a um *aumento* na quantidade de excitação, e o prazer, a uma *diminuição*” (p. 18).

Dificuldade essa que, encerrando o “Além do princípio de prazer” (Freud, 1920/1977), poderia se constituir como o ponto de partida para novas investigações, que seriam iniciadas com a distinção entre a série prazer-desprazer e algo que ele chama de tensão peculiar (*eigentümlich Spannung*: 271 – tensão estranha, esquisita), que pode ser tanto agradável quanto desagradável (pp. 84-85). Freud se pergunta se esses sentimentos (da série prazer-desprazer e os da tensão estranha) nos possibilitariam diferenciar os processos de energia vinculada (da série prazer-desprazer) daqueles da energia livre (tensão estranha). Também se questiona se a série prazer-desprazer indicaria uma mudança na magnitude da catexia dentro de determinada unidade de tempo, enquanto que o sentimento de tensão estaria relacionado à magnitude absoluta, ou talvez ao nível da catexia.

Aqui, poderia ser o momento de Freud perceber que essa tensão estranha nada mais é do que o *Genuß*, o **gozo** do qual falara em “Tipos psicopáticos do palco” (Freud, 1905-6/1977) tantos anos antes, e que seria a chave para unificar as duas pulsões que ele insiste em manter separadas, embora perceba que “o princípio de prazer parece, na realidade, servir às pulsões de morte” (p. 85). Pois, se há simultaneidade de prazer/desprazer no comportamento sintomático de um neurótico, por que não haveria, também, essa mesma série no comportamento de pessoas não neuróticas (*nicht neurotischer*: 231), sujeitas à compulsão de se sentirem perseguidas por um destino maligno ou por um puxão demoníaco (*dämonischen Zuges*: 231)? Assim, haveria desprazer/prazer tanto na vivência dos neuróticos quanto na dos não neuróticos, a mesma mescla de desprazer/prazer nessa “eterna repetição das mesmas coisas”. Mesmo que talvez tenhamos de diferenciar aspectos específicos da *tensão peculiar* existente no princípio de prazer e no além do princípio do prazer, será que poderíamos unificá-los sob o nome de **gozo**? **Gozo** tomado não em seu sentido lacaniano, mas como o termo que incluiria elementos da série prazer/desprazer.

2.2. Gozo psicótico

Esse **gozo** foi mencionado por Freud no “Caso de paranoí” (1911/1977) relacionado ao *estado de beatitude*. Esse estado também é mencionado por Schreber como “a vida do além” (Schreber, 1903, citado por Freud, 1911/1977), à qual a alma humana é elevada após a morte pelo processo da purificação. Schreber o descreve como um **gozar** (*Genießen*: 156) ininterrupto, ligado à contemplação de Deus. Freud fica surpreso com a distinção que Schreber faz entre um estado de beatitude masculino e um outro feminino, com o qual Schreber se identifica, e aponta que “o **gozar** sexual (*Sexualgenießen*: 159) que [Schreber] havia alcançado para si próprio era de caráter muito raro. Não era a liberdade sexual de um homem, mas os sentimentos sexuais de uma mulher.” (Freud, 1911/1977, p. 49).

2.3. Gozar das bênçãos e da graça divina e gozo místico

No “Futuro de uma ilusão” (1927/1977), Freud, um tanto irônico, diz que a interioridade da alma russa atingiu o seu apogeu ao concluir que o pecado é indispensável para se **gozar** (*genießen*: 172) de todas as bênçãos e da graça divina. Assim, no fundo, “o pecado é agradável a Deus”, pois é pela via do pecado que um transgressor pode alcançar as dádivas de Deus, sem a intermediação de autoridades religiosas (p. 51). A constatação de que os sacerdotes não mais detêm o controle sobre a vida pulsional do homem (pelo menos na cultura cristã ocidental) leva Freud a se perguntar se a religião ainda possui a mesma influência que costumava ter.

O **gozo**, tomado em seu sentido místico, pode ser encontrado na Teologia, relacionado tanto a uma experiência inefável do divino quanto a algo da ordem de um excesso intolerável que pode ser acompanhado ou não por tal experiência. Tanquerey (1961) diz de uma situação paradoxal na qual alguém pode sentir maravilhosos efeitos de santificação (i. 1474) e, também, vivenciar um imenso desejo de padecimento (i. 1475). Tal concepção certamente é retirada tanto das experiências dos arroubamentos de gozo **quanto** das de dor de Santa Teresa de Jesus (1571/1956). Em uma de suas cartas a seu confessor, ela escreve:

Passei todo o dia de ontem em grande soledade interior. [...] À noite, enquanto estávamos todas juntas no recreio, cantaram uns versinhos, encarecendo quanto é duro viver longe de Deus. Como eu já estava com aquela mágoa, fez tal operação em meu espírito o canto, que as mãos se me começaram a entorpecer, e, sem poder resistir, minha alma, assim como sai de si pelos arroubamentos de gozo, do mesmo modo se suspendeu pela grandíssima dor e ficou alheia a tudo. Até o dia de hoje não havia eu compreendido este mistério [...]. É que antes a mágoa não chegava a ponto de me fazer sair de mim, e, como era tão intolerável e eu estava em meus sentidos, constrangia-me a dar grandes gritos sem que eu o pudesse escusar. Agora, como cresceu tanto, chegou a estes ternos de traspassamento [...]. Ficou-me tão quebrantado o corpo, que ainda hoje estou escrevendo com bastante custo; pois tenho as mãos doloridas e como desconjuntadas. (p. 198)

Tomando como base a dualidade pulsional freudiana, será que poderíamos estabelecer uma diferença entre esse *estado de beatitude* (cf. Freud, 1911/1977), chamado por ela de “arroubamentos de gozo”, e as experiências de “grandíssima dor”? Estaria o primeiro estado em consonância com o prazer, com o *Lust*, com experiências de prazer vinculadas à pulsão de vida, e o outro com o *Genuβ*, com **gozo** do arrebatamento (*ravissement*) mortífero e avassalador da pulsão de morte? Embora Freud tenha entrevisto um certo número de obscuras modificações da vida mental tais como os transes e os êxtases, ele os recusou, preferindo se regozijar com aquele que “aqui em cima respira na rósea luz” (Schiller, s/d, citado por Freud 1930/1977, p. 91). Tais estados, entretanto existem, e a psicanálise pode deles se aproximar.

O texto de Santa Teresa de Jesus (1571/1956) termina com esta solicitação ao seu confessor: “Quando Vossa Mercê vier ver-me, dir-me-á se pode haver esse arroubamento de dor, e se é real o que sinto, ou estou enganada” (p. 198). Talvez, com a psicanálise, pode-se responder de forma afirmativa ao seu questionamento: sim, ela não está enganada. O arroubamento de dor que sente existe e é Real. Mas, tal aproximação com o último ensino de Lacan é tema de outra pesquisa.

Conclusão

Em um trecho da *Função e campo*, Lacan (1953/1966, p. 290) aponta a existência de uma *jouissance* ignorada pelo Homem dos Ratos. A utilização de tal palavra leva, de imediato, à questão de como verter tanto *jouissance* quanto o *Genuβ* original de Freud para o português. Acompanhando as versões brasileiras dos *Escritos* feitas por Inês Osek-Depré (Lacan, 1966/1978, p. 155), e por Vera Ribeiro (Lacan, 1966/1998, p. 292), optei por **gozo** para ambas, reservando a palavra *prazer* para verter o *Lust* alemão. Não é o que faz Miller (1995-6, inédito, p. 359) que, acompanhando Lacan, traduz *Lust* por *jouissance*. Tal tradução traz uma dificuldade para o leitor brasileiro, porque *Lust* e *jouissance* têm sido vertidas de modo diferente, uma por prazer, e a outra por **gozo**, causando compreensível confusão.

Definindo este trabalho como uma pesquisa sobre o termo *Genuβ* em Freud, foi encontrada uma tal variedade de sentidos que, para facilitar a compreensão, o material foi organizado em categorias. Assim, pode-se afirmar, de forma contrária ao que dizem Roudinesco e Plon (1998, p. 299), que Freud utiliza o termo **gozo** inúmeras vezes e com diversos significados.

Verifiquei, ainda, que *Genuβ* não foi tratado como um conceito por Freud, que se limitou a utilizá-lo de maneira coloquial, fato esse que não previ inicialmente.

Observei também uma tentativa de Freud de compreender o que poderia estar situado além do princípio do prazer, em um percurso que vai de *gozo da vida* a uma espécie de *tensão peculiar* (*eigentümlich Spannung*, p. 271) (Freud, 1920/1982, p. 271), através da qual seria possível unificar o prazer e o desprazer, as pulsões de vida e de morte. Talvez por não poder aceitar o ponto de vista monista de Jung, Freud termina “Além do princípio de prazer” mantendo as pulsões separadas. As pulsões de vida surgem “produzindo constantemente tensões cujo alívio é

sentido como prazer, ao passo que os instintos de morte parecem efetuar seu trabalho discretamente” (p. 85). Este *non liquet* é ainda a sua posição quando, na entrevista concedida a Vireck (1926[1957]/2001), diz que “o instinto de vida e o instinto de morte habitam lado a lado dentro de nós”, mas que “o objetivo derradeiro da vida é a sua própria morte” (p. 11); “a pulsão de vida é forte o bastante para contrabalançar a pulsão de morte, embora no final esta resulte mais forte” (p. 12). Um pouco mais adiante, Freud diz que coloca agora “ênfase quase igual naquilo que está *além* do princípio do prazer – a morte, a negação da vida”, e faz um elogio a Nietzsche: “Nietzsche foi um dos primeiros psicanalistas. [...] Ninguém se apercebeu mais profundamente dos motivos duais da conduta humana, e da insistência do princípio do prazer em predominar indefinidamente” (p. 15). Malgrado toda a sua argumentação, ele se mantém paciente, aguardando novos métodos e ocasiões de pesquisa.

Enfim, considero que fica muito difícil para os que tomam contato pela primeira vez com as obras de Freud o uso do termo **gozo**, tal a variedade de sentidos por ele utilizados. É fácil perder-se nessa diversidade. Por isso, a classificação apresentada neste texto pode facilitar um primeiro entendimento do termo.

O objetivo desta pesquisa foi servir de guia de consulta para a localização e compreensão dos diversos usos de *Genuβ* na obra de Freud, guia esse que pode ser considerado como um índice remissivo desse termo, bem como o de trazer subsídios para uma revisão necessária da tradução para as novas edições.

Para concluir, observo que é com Lacan, e posteriormente com Miller, que teremos uma visão mais clara da *jouissance* como conceito lacaniano. Com Lacan, nas lições seis e sete do *Seminário 20* (Lacan, 1982) e na primeira lição do *Seminário 22* (Lacan, inédito)⁶, e com Miller (2000), nos “Seis paradigmas do gozo”, em que ele faz uma tentativa de explicitar as seis categorias ou fotogramas simplificados do **gozo** em Lacan.

Referências

- Bardin, L. (1976). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Braunstein, N. (1992). *La jouissance: un concept lacanien*. Paris: Point Hors Ligne.
- Freud, S. (1977). Rascunho B. [Manuskript B]. In J. Strachey (Org.) e J. Salomão (Trad.), *Edição Standard brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*⁷ (v. 1, pp. 247-254) Rio de Janeiro: Imago. Aus den Anfängen der Psychoanalyse. (S. 76-82). Londres: Imago. (Carta de 1893, publicada originalmente em 1950)
- Freud, S. (1977). A hereditariedade e a etiologia das neuroses [*L'héritage et l'étiologie des névroses*]. *Obras completas* (Vol. 3, pp. 165-186). *Gesammelte Werke*.⁸ (Erst. Bd. S. 407-422). Frankfurt am Mein: Fischer Verlag (1983). (Texto original publicado em 1896)
- Freud, S. (1977). O mecanismo psíquico do esquecimento [*Zur psychischen Mechanismus der Vergesslichkeit*]. *Obras completas* (Vol. 3, pp. 317-332). G. W. (Erster Bd., S. 519-527). Frankfurt am Mein: Fischer Verlag (1983). (Texto original publicado em 1898)
- Freud, S. (1977). A interpretação dos sonhos (*Traumdeutung*). In *Obras completas* (Vol. 4 e 5). Rio de Janeiro: Imago. G. W. (Bd. 2 und 3). Frankfurt am Mein: Fischer Verlag (1983) (Texto original publicado em 1900-01)
- Freud, S. (1977). Sobre os sonhos [*Über den Traum*]. *Obras completas* (Vol. 5, pp. 671-750). Rio de Janeiro: Imago. G. W. (Bd. 2-3, S. 645-700). Frankfurt am Mein: Fischer Verlag (1983). (Texto original publicado em 1901)

- Freud, S. (1977). O método psicanalítico de Freud [Die Freudsche psychoanalytische Methode]. *Obras completas* (Vol. 7, pp. 257-266). Rio de Janeiro: Imago. *Studienausgabe*⁹ (Ergänzungsband, S. 99-106). Frankfurt am Mein: Fischer Verlag (1982). (Texto de 1903, original publicado em 1904)
- Freud, S. (1977). Fragmento da análise de um caso de histeria [Bruchstück einer Hysterie-Analyse]. In *Obras completas*, Vol. 7, pp. 5-127). Rio de Janeiro: Imago e Stud. (Bd. 6, S. 83-185). Frankfurt am Mein: Fischer Verlag (1982). (Texto de 1901, original publicado em 1905)
- Freud, S. (1977). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade [Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie]. In *Obras completas* (Vol. 7, pp. 129-236). Rio de Janeiro: Imago. *Stud.* (Bd. 5, S. 37-145). Frankfurt am Mein: Fischer Verlag. (1982). (Texto original publicado em 1905a)
- Freud, S. (1977). Os chistes e sua relação com o inconsciente [Der Witz und die Arten des Komischen]. *Obras completas* (Vol. 8). Rio de Janeiro: Imago. *Stud.* (Bd. 4, S. 9-220) Frankfurt am Mein: Fischer Verlag. (1982). (Texto original publicado em 1905b)
- Freud, S. (1977). Tipos psicopáticos no palco [Psychopathische Personen auf der Bühne]. In *Obras completas* (Vol. 7, pp. 321-27). Rio de Janeiro: Imago. *Stud.* (Bd. 10, S. 161-7). Frankfurt am Mein: Fischer Verlag. (1982). (Texto de 1905 ou 1906, publicado originalmente em 1942)
- Freud, S. (1977). Delfírios e sonhos na *Gradiva* de Jensen. In *Obras completas* (Vol. 9, pp. 17-103). Rio de Janeiro: Imago. (Texto de 1906, original publicado em 1907)
- Freud, S. (1977). Notas sobre um caso de neurose obsessiva [Bemerkungen über einen Fall von Zwangsneurose]. *Obras completas*. (Vol. 10, pp. 159-318). Rio de Janeiro: Imago. *Stud.* (Bd. 7, pp. 31-104). Frankfurt am Mein: Fischer Verlag. (1982). (Texto original publicado em 1909)
- Freud, S. (1977). Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. In *Obras completas* (Vol. 11, pp. 59-125). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1910)
- Freud, S. (1977). Cinco lições de psicanálise [Über Psychoanalyse]. In *Obras completas* (Vol. 11, pp. 13-51). Rio de Janeiro: Imago. G. W. (Bd. 16, S. 11-94). Frankfurt am Mein: Fischer Verlag. (1983). (Texto de 1909, original publicado em 1910a)
- Freud, S. (1977). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia [Über einen autobiographische beschriebenen Fall von Paranóia] In *Obras completas* (Vol. 12, 23-109). Rio de Janeiro: Imago. *Stud.* (Bd. 7, S. 133-203). Frankfurt am Mein: Fischer Verlag. (1982). (Texto de original publicado em 1911)
- Freud, S. (1977). Totem e tabu [Totem und Tabu]. In *Obras completas* (Vol. 17-197). Rio de Janeiro: Imago. *Stud.* (Bd. 9, 287-443). Frankfurt am Mein: Fischer Verlag. (1982). (Texto de 1912-13, publicado originalmente em 1913)
- Freud, S. (1977). O Moisés de Michelangelo [Der Moses des Michelangelo]. In *Obras completas* (Vol. 13, pp. 253-77). Rio de Janeiro: Imago. *Stud.* (Bd. 10, S. 195-221). Frankfurt am Mein: Fischer Verlag. (1982). (Texto original publicado em 1914)
- Freud, S. (1977). O Inconsciente [Das Unbewusste]. In *Obras completas* (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago e Stud (Bd. 3). Frankfurt am Mein: Fischer Verlag. (1982). (Texto original publicado em 1915)
- Freud, S. (1977). Reflexões sobre os tempos de guerra e de morte [Zeitgemässen über Krieg und Tod]. In *Obras completas* (Vol. 14, pp. 311-339). Rio de Janeiro: Imago e Stud. (Bd. 9, S. 33-60). Frankfurt am Mein: Fischer Verlag. (1982). (Texto original publicado em 1915a)
- Freud, S. (1977). Os instintos e suas vicissitudes [Trieb und Triebschicksale]. In *Obras completas* (Vol. 14, pp. 137-67). Rio de Janeiro: Imago. *Stud.* (Bd. 3, S. 75-101) Frankfurt am Mein: Fischer Verlag. (1982). (Texto original publicado em 1915b)
- Freud, S. (1977). Observações sobre o amor transferencial [Bemerkungen über die Übertragungsliebe]. In *Obras completas* (Vol. 12, pp. 208-220). Rio de Janeiro: Imago e Stud. (Ergänzungsband, S. 257-269) Frankfurt am Mein: Fischer Verlag. (1982). (Texto de 1914, original publicado em 1915c)
- Freud, S. (1977). Um caso de paranoia que contraria a teoria psicanalítica da doença [Mitteilung eines der psychanalytischen Theorie widersprechender Fall von Paranóia]. In *Obras completas* (Vol. 14, pp. 297-309). Rio de Janeiro: Imago e Stud. (Bd. 7, S. 205-215). Frankfurt am Mein: Fischer Verlag. (1982). (Texto original publicado em 1915d)
- Freud, S. (1977). Conferência 23: os caminhos da formação dos sintomas [Vorlesung 23: Die Wege der Symptombildung]. In *Obras completas* (Vol. 16, pp. 419-440). Rio de Janeiro: Imago e Stud. Bd. 1, S. 350-366). Frankfurt am Mein: Fischer Verlag. (1982) (Texto de 1915, original publicado em 1916)
- Freud, S. (1977). Sobre a transitoriedade [Vergänglichkeit]. In *Obras completas* (Vol. 14, pp. 345-350). Rio de Janeiro: Imago e Stud (Bd. 10 S. 223-228). Frankfurt am Mein: Fischer Verlag. (1982). (Texto de 1915, original publicado em 1916a)
- Freud, S. (1977). Os arruinados pelo êxito [Die am Erfolg Scheitern]. In Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico (II). *Obras completas* (Vol. 14, pp. 357-374). Rio de Janeiro: Imago e Stud (Bd. 10, S. 236-251). Frankfurt am Mein: Fischer Verlag. (1982). (Texto original publicado em 1916b)
- Freud, S. (1977). Conferência 20. A vida sexual dos seres humanos [Das menschliche Sexuelleben]. In *Obras completas* (Vol. 16, pp. 355-373). Rio de Janeiro: Imago. *Stud.* (Bd. 1, S. 300-314). Frankfurt am Mein: Fischer Verlag. (1982). (Texto de 1916-1917, original publicado em 1917a)
- Freud, S. (1977). Além do princípio de prazer [Jenseits des Lustprinzips]. In *Obras completas* (Vol. 18, pp. 17-89). Rio de Janeiro: Imago. *Stud.* (Bd. 3, S. 213-71). Frankfurt am Mein: Fischer Verlag. (1982). (Texto original publicado em 1920)
- Freud, S. (1977). Pós-escrito – psicologia de grupo e a análise do ego [Nachträge – Massenpsychologie und Ich-analyse]. In *Obras completas*. (Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago. *Stud.* (Bd. 9). Frankfurt am Mein: Fischer Verlag. (1982). (Texto original publicado em 1921)
- Freud, S. (1977). Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e no homossexualismo [Über einige neurotische Mechanismen bei Eifersucht, Paranoia und Homosexualität]. In *Obras completas* (Vol. 18, pp. 271-285). Rio de Janeiro: Imago. *Stud.* (Bd. 7, S. 217-227). Frankfurt am Mein: Fischer Verlag. (1982). (Texto original publicado em 1922)
- Freud, S. (1977). Dois verbetes de encyclopédia; (A) Psicanálise ['Psychoanalyse' und 'Libido theorie']. In *Obras completas* (Vol. 18, pp. 287-312). Rio de Janeiro: Imago e G. W. (Bd. 13, S. 211-233). Frankfurt am Mein: Fischer Verlag. (1983). (Texto de 1922, original publicado em 1923)
- Freud, S. (1977). Uma neurose demoníaca do século XVII [Eine Teufelsneurose im siebzehnten Jahrhundert]. In *Obras completas* (Vol. 19, pp. 91-138). Rio de Janeiro: Imago. *Stud.* (Bd. 7, S. 283-319). Frankfurt am Mein: Fischer Verlag. (Texto de 1922, original publicado em 1923a)
- Freud, S. (1977). Um estudo autobiográfico [Selbstdarstellung]. In *Obras completas* (Vol. 20, pp. 17-92). Rio de Janeiro: Imago e G. W. (Bd. 14, S. 33-96). Frankfurt am Mein: Fischer Verlag. (1983) . (Texto de 1924, original publicado em 1925, com pós-escrito de 1935)
- Freud, S. (1977). Inibições, sintomas e ansiedade [Hemmung, Symptom und Angst]. In *Obras completas* (Vol. 20, pp. 107-209). Rio de Janeiro: Imago e Stud. (Bd. 6, S. 227-309). Frankfurt am Mein: Fischer Verlag. (1982). (Texto de 1925, original publicado em 1926)
- Freud, S. (1977). A questão da análise leiga [Die Frage der Laienanalyse: Unterredungen mit einem Unparteiischen] In *Obras completas* (Vol. 20, pp. 211-299). Rio de Janeiro: Imago e Stud. (Ergänzungsband, S. 271-349). Frankfurt am Mein: Fischer Verlag. (Texto original publicado em 1926a)
- Freud, S. (1977). O futuro de uma ilusão [Die Zukunft einer Illusion]. In *Obras completas* (Vol. 21, pp. 15-79). Rio de Janeiro: Imago. *Stud.* (Bd. 9, S. 135-189). Frankfurt am Mein: Fischer Verlag. (1982). (Texto original publicado em 1927)
- Freud, S. (1977). O humor [Der Humor]. In *Obras completas* (Vol. 21, pp. 189-196). Rio de Janeiro: Imago e Stud. (Bd. 4, S. 275-282). Frankfurt am Mein: Fischer Verlag. (1982). (Texto original publicado em 1927a)
- Freud, S. (1977). O mal-estar na civilização [Das Unbehagen in der Kultur]. In *Obras completas* (Vol. 21, pp. 81-177). Rio de Janeiro: Imago. *Stud.* (Bd. 10, S. 181-177). Frankfurt am Mein: Fischer Verlag. (1982). (Texto original publicado em 1927b)

- 9, 191-269). Frankfurt am Mein: Fischer Verlag. (1982). (Texto de 1929, original publicado em 1930)
- Freud, S. (1977). Carta a Georg Fuchs. In Salomão, J. (Trad. e Rev.), *Obras Completas* (Vol. 22, pp. 307-308). Rio de Janeiro: Imago. (carta original publicada em 1931)
- Freud, S. (1977). Prefácio da *Teoria geral das neuroses* de Nunberg [Geleitwork zu Allgemeine Neurosenlehre auf psychoanalytischer Grundlagen von Hermann Nunnerg]. In *Obras completas* (Vol. 21, pp. 294). Rio de Janeiro: Imago e G. W. (Bd. 16, S. 273). Frankfurt am Mein: Fischer Verlag. (1982). (Texto original publicado em 1932)
- Freud, S. (1977). Esboço de psicanálise [Abriss der Psychanalyse]. In *Obras completas* (Vol. 23, pp. 168-222). Rio de Janeiro: Imago. G. W. (Bd. 17, S. 63-138). Londres: Imago. (Texto de 1938, original publicado em 1940)
- Freud, S. (2001). O valor da vida; uma entrevista rara de Freud. *Reverso*, 48, 9-16. (concedida em 1926 e publicada em 1957)
- Freud, S. (2004) Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico. In: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (pp. 63-77), Hanns, L. (Trad. e notas). Rio de Janeiro: Imago. (original publicado em 1911)
- Hanns, L. (1996). *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Lacan, J. (1966). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise [Fonction et champ de la parole et du langage], Inês Osek-Depré (Trad.), *Escritos* (1978, pp. 101-79). São Paulo: Perspectiva. In Vera Ribeiro (Trad.) *Escritos* (1998, pp. 238-3224). *Écrits*. (pp. 237-322). Paris: du Seuil. (Texto de 1953)
- Lacan, J. (1974). Lição de 10-12-1974. In *O seminário*, livro 22, RSI.
- Lacan, J. (1982). Deus e o gozo d'a/ mulher. In *O seminário*, livro 20: mais, ainda Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (lição de 20-02-1973)
- Laplanche, J. & Pontalis (1979). In *Vocabulário da Psicanálise* (P. J. Tamen, Trad.). Santos: Martins Fontes.
- Miller, J. A. (1995-96). Lição de 19-06-1996. In *Seminário La fuit du sens* (Inédito).
- Miller, J. A. (2000). Os seis paradigmas do gozo. *Opção Lacaniana*, 26/27, 87-105.
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Tanquerey, Ad. (1961). *Compêndio de teologia ascética e mística* (J. Fontes, Trad.). Porto: Apostolado da imprensa.
- Teresa de Jesus (Santa). (1956). Apêndice III. In *Castelo interior ou moradas* (Carmelitas descalças do Convento de Santa Teresa do Rio de Janeiro, Trad.). Petrópolis: Vozes. (carta de 1571)

Notas

¹ Pesquisa realizada sob os auspícios do Fundo de Incentivo à Pesquisa (FIP) da Pró-reitoria de pesquisa e Pós-graduação da PUC Minas, apresentada na mesa redonda *O gozo em Freud, no autismo e na violência doméstica*, no III Congresso Norte-Nordeste de Psicologia (CONPSI) – Fundação Espaço Cultural, João Pessoa, PB, 28 de maio de 2003, e cujo relatório integral se encontra na Biblioteca da PUC Minas.

² Vera Ribeiro, tradutora da edição dos *Escritos* de Lacan em português, e também Antonio Quinet e Angelina Harari, revisores técnicos, poderiam ter optado por estabelecer outra palavra que não *gozo* como a mais adequada para traduzir *jouissance*; como *fruição*, por exemplo. Entretanto, como parece que se está adotando o termo *gozo* para verter para o português a palavra *jouissance*, principalmente no sentido lacaniano, optei por manter o termo *gozo*. Ver, também, o Apêndice.

³ *Genuß ou Genuss* (nova grafia). No texto, mantivemos a grafia antiga, presente nas edições que possuímos.

⁴ Sempre que o termo *gozo* vier em português, o número da página se refere à edição brasileira da Imago e, quando em alemão, ou à *Gesammelte Werke*, ou à *Studienausgabe*. Verificar a referência pelo ano da edição original.

⁵ Segundo a sugestão de um dos pareceristas e a tradução feita por Raquel Fontan Diaz em Miller, J-A. (1997) *Lacan elucidado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 531; e para distinguir de *Realität*, *Realidade*, optei por traduzir *Wirklichkeit* por *realidade efetiva*. Poderia ter optado por *efetividade*, tal como proposto por Álvaro Cabral na tradução do *Dicionário de Hegel*, de Michel Inwood (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, vb efetividade), ou mesmo *realidade [efectiva]* (realidade em ato), tal como proposto por Artur Morão na tradução da *Encyclopédia das ciências filosóficas em epítome*, de Hegel (Lisboa: Edições 70, 1988, v.1, § 6, p. 73).

⁶ Quando ele mostra as duas direções possíveis de a/ mulher: em direção ao prazer (ϕ) e em direção à *jouissance* S(A). No outro texto, Lacan diz da função do gozo do sentido na confluência do Imaginário com o Simbólico e de outras duas funções no nó borromeano: *jouir de la vie* (gozar da vida) enquanto **gozo** Real, J (A) e um outro modo de **gozo**, J ϕ . Um, no cruzamento do Imaginário com o Real e o outro, do Real com o Simbólico. Daí se pode dizer que o prazer encontra-se vinculado ao Simbólico e, portanto, capaz de ser expresso em palavras, enquanto que a *jouissance*, dele desvinculada, é incapaz de fazê-lo. Dela nada se pode dizer, nem sequer uma palavra! (Lacan, 1982, p. 101).

⁷ Para maior concisão, de agora em diante, *Obras completas*.

⁸ Para maior concisão, de agora em diante, G. W.

⁹ Para maior concisão, de agora em diante, *Stud.*

Luis Flávio Silva Couto, doutor em Filosofia pela Universidade do Rio de Janeiro e pós-doutor em Psicanálise pela Universidade Paris 8, é psicanalista e professor na Universidade Federal de Minas Gerais, na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e no Unicentro Newton Paiva. Endereço para correspondência: Rua Teixeira de Freitas 178 – ap. 702 (Santo Antônio); Belo Horizonte, MG; CEP: 30350-180. Tel.: (31) 3342-1795. E-mail: luisflaviocouto@terra.com.br

Apêndice

I - O sentido do dicionário

Em latim **gozo** é *gaudium*, que significa para Cícero a alegria, o gosto do bem presente e o prazer interior, e para Horácio, o prazer sexual (a *voluptas venerea*) (Souza, 1926). Em alemão, *Genuß* ou *Genuss* (nova grafia), que pode ser traduzido por **gozo**, *gosto*, *prazer*, *satisfação*, *delícia*, *deleite* e *posse*; e *Genießen*, que é o verbo **gozar** (Dicionário, 2000). Em francês, *jouissance* significa prazer que se desfruta plenamente, delícia e satisfação; **gozo** do espírito enquanto alegria, e **gozo** dos sentidos enquanto voluptuosidade (Rey, 1995).

Em português, o verbo **gozar** (Aurélio, 1986) pode ser compreendido como: (1) usar ou possuir coisa útil ou aprazível; (2) aproveitar-se das vantagens de, isto é, desfrutar (**gozar** a paz do dia); (3) sentir prazer íntimo, deliciar-se com (gozava da expectativa do que se aproximava); (4) achar graça em relação a algo que aconteceu a alguém (achar gozado algo que sucedeu); (5) desfrutar, fruir, ter (gozava do privilégio de poder atrair grande auditório); (6) sentir prazer ou satisfação (**gozar** da vida tranquiliamente); (7) experimentar prazer (**gozar** do sono); (8) divertir-se; (9) deliciar-se; (10) tirar proveito ou satisfação; (11) atingir o orgasmo (bras.).

Enquanto substantivo, **gozo** vai significar o ato de **gozar** em todas as suas acepções acima expostas, como **gozo** das férias ou da fortuna pessoal e **gozo** da saúde ou das faculdades mentais. Já o adjetivo **gozoso** tem o sentido de ato de **gozar** de um bem estar, e se encontra ligado à meditação de um dos mistérios do terço, situando o **gozo** na vertente do prazer.

II - Algumas considerações sobre a tradução brasileira

1. Deveria haver uma regularidade de tradução do termo *Genuß*, mas, não é isso o que acontece na *Edição Standard Brasileira*. Muitas vezes, num mesmo texto, *Genuß* é traduzido não só por **gozo**, como, também, por *fruição*.

Exemplo: “O mal-estar na civilização” (Freud, 1930/1977): “colocar o **gozo** antes da cautela, o qual, após breve exercício, recebe seu castigo” (p. 96), – “*aber das heißt des Genußvor die Vorsichtsetze setzes und straf sich nach kurzen Betrieb*” (p.209). Compare com “Nele, a distensão do vínculo com a realidade (*Realität*: 212) vai mais longe; a satisfação é obtida através de ilusões, reconhecidas como tais, sem que se verifique permissão para que a discrepância entre elas e a realidade (*Wirklichkeit*: 212) interfira na sua *fruição*” (*Genuß*) (p. 99).

2. Ainda em relação à regularidade, encontramos o termo *Genuß* traduzido como *satisfação*.

Exemplo: Ainda em “O mal-estar na civilização” (Freud, 1930/1977): “Contra isso, existe uma inegável diminuição nas potencialidades de **satisfação**” (p. 98) – “*Dagegen steht aber eine unleugbare Herabsetzung der Genußmöglichkeiten*” (possibilidades de **gozo**) (p. 211).

3. Encontramos, ainda, o termo *Genuß* traduzido como *desfrute*.

Exemplo: “Os chistes e sua relação com o inconsciente” (Freud, 1905b/1977): “O poder que dificulta ou impossibilita as mulheres, e em menor grau também os homens, de **desfrutarem** a obscenidade sem disfarce é por nós denominado *repressão*” (p. 121) – “*Die Macht, welche dem Weib und in geringerem Maße auch dem Manne den Genuß der unverhüllten Obzonität erschwert oder unmöglich macht, heißen vir die ‘Verdrängung’*” (p. 96).

4. O termo **gozo**, que deveria ser utilizado apenas enquanto tradução do termo *Genuß*, é utilizado também para traduzir o termo *Lust* (prazer).

Exemplo: “Cinco lições de psicanálise, lição 4” (Freud, 1910a/1977): “Ao lado dessas e de outras atividades auto-eróticas, revelam-se (...) aqueles componentes instintivos do **gozo** sexual” (p. 41) – “*Triebkomponenten der Sexuallust*” (prazer sexual) (p. 46).

5. O termo **gozo** traduz, também, o termo *Wonnen* (deleite).

Exemplo: Ainda nas “Cinco lições de psicanálise, lição 4” (Freud, 1910a/1977): “O prazer de chupar o dedo, o **gozo** da sucção” (p. 41) – “*Das Lüdeln oder Wonneaugen*” (chupar com deleite) (p. 46).

6. O termo **gozar**, que deveria ser utilizado apenas para traduzir o verbo *genießen*, traduz *erfreuen* (alegrar e ficar contente).

Exemplo: “A psicopatologia da vida cotidiana” (Freud, 1901a/1977): “Para poder **gozar** dessa posição” (p. 193) – “*Um sich dieser Ausnahmsstellung erfreuen zu können*” (p. 212).

7. O verbo *gozar* também traduz *befried*.

Exemplo: “Cinco lições de psicanálise, lição 5” (Freud, 1910a/1977): “Quando esse resultado não é atingido, (...) este se desprende da realidade (*Außenwelt*: 53), recolhendo-se onde pode **gozar** (*befriedigendere*, p. 53),” ... (p. 47). Uma tradução melhor seria: “onde é mais satisfatório”.

8. Não discordo se considerarem que o termo *fruir* poderia ser utilizado para traduzir *genießen* (embora pessoalmente prefira o termo *gozar*, uma de suas traduções possíveis). Mas, se os tradutores optaram por *fruir*, deveriam manter uma identidade de tradução, nunca usando *gozo*, *prazer*, ou outros termos, e sim *fruir*, ou *fruição*, ao longo de toda a obra de Freud, o que não ocorre.

Exemplo: “Inibições, sintomas e ansiedade” (Freud, 1926/1977): “o ego criou o sintoma simplesmente a fim de **fruir** suas vantagens” (p. 121) e “*das Ich habe sich das Symptom ... um dessen Vorteile zu genießen*” (p. 244) – e em “A vida sexual do seres humanos” (Freud, 1916c/1977): transformam-no num objeto “no qual possam encontrar **prazer**” (p. 358) – “*um es genießen zu können*” (p. 302).

A propósito, a própria palavra *fruição* foi utilizada para traduzir uma série de palavras diferentes do alemão, além de *gozo*, tais como *agrado* (*Wohlgefallen*) e *deleite* (*Vergnügen*). Exemplo: “Os chistes e suas relações com o inconsciente” (Freud, 1905b/1977): “Pois isso revela – o que é surpreendente – que nossa **fruição** do chiste” (p. 112) – compare com “*dab wir unser Wohlgefallen an ein Witz*” (p. 88). “Lembremo-nos que quando conseguíamos reduzir um chiste (...) este perdia não apenas seu caráter de chiste como também seu poder de nos fazer rir – nossa **fruição** do chiste” (p. 115) – compare-se com “*also das Vergnügen am Witz, aufgehoben*” (p. 90).

9. O termo *fruição* está traduzindo o verbo *genießen*, devendo estar, portanto, em seu lugar, o verbo *fruir*.

Exemplo: “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia” (O caso do Presidente Schreber) (Freud, 1911/1977): “Ele [Schreber] o descreve como um estado de **fruição** ininterrupta, ligada à contemplação de Deus” (p. 46) e “*Er beschreibt sie als einen Zustand ununterbrochenen Genießens, verbubden mit der Anschauung Gotte*” (p. 156).

10. O termo *fruição* também é utilizado para traduzir *Lust* (*prazer*).

Exemplo: “Uma neurose demoníaca no Século XVII” (Freud, 1923a/1977): “No entanto, após livrar-se de sua melancolia e do Demônio, ainda teve de enfrentar a luta entre sua **fruição** libidinal da vida e sua compreensão de que os interesses de autopreservação exigiam imperativamente renúncia e ascetismo” (p. 133) e “*Nachdem aber die Melancholie und der Teufel abgetan waren, kam es bei ihm noch zum Kampf zwischen der libidinösen Lebenslust und der Einsicht, daß das Interesse der Lebenserhaltung gebieterisch Versict und Askese fordere*” (p. 319).

11. O termo *fruição* algumas vezes é usado por conta do tradutor (que o utiliza com boa vontade, creio, para melhor compreensão do texto), pois não existe no original em alemão.

Exemplo: “O mal-estar na civilização” (Freud, 1930/1977): “à frente das satisfações obtidas através da fantasia ergue-se a **fruição** das obras de arte, **fruição** que, por intermédio do artista” (pp. 99-100) e “*Obenan unter diesen Phantasiebefriedigungen steht der Genuß an Werken der Kunst*” (p. 212).

Neste relatório, para não cansar o leitor, não me preocupei em manter, nas citações, as palavras utilizadas na tradução brasileira das *Obras completas* da Imago. Assim, sempre que no original constava **Genuß** ou **genießen**, traduzi imediatamente por **gozo** e **gozar**, tendo, entretanto, o cuidado de registrar, logo em seguida, como a palavra se encontrava no original, seja na *Studienausgabe*, seja na *Gesammelte Werke*, da Fischer-Verlag.

Gostaria, ainda, de deixar registrada a dificuldade que tive em encontrar certos textos de Freud em alemão. Nem a *Studienausgabe* e nem mesmo a *Gesammelte Werke* possuem, por exemplo, a carta de Freud a Georg Fuchs (1931), que, curiosamente, consta da Edição Standard em português (p. 307-308).

Espero que este trabalho possa trazer subsídios para uma revisão necessária da tradução dos conceitos assinalados na edição luso-brasileira de Freud.

Referências

- Dicionário de alemão-português: alemão/português, português/alemão.* (2000). Porto: Porto.
 Ferreira, A. B. de H. (1986). *Novo dicionário da língua portuguesa* (Aurélio). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
 Rey, A. (1995). *Le Robert, dictionnaire de la langue française*. Paris: Dictionnaires le Robert.
 Souza, F. A. (1926). *Novo dicionário latino-português*. Belo Horizonte: Francisco Alves.